

UMA NOTA SOBRE O INCONSCIENTE NA PSICANÁLISE

Desejo expor em poucas palavras e tão simplesmente quanto possível o que o termo 'inconsciente' veio a significar na Psicanálise e somente nesta.

ibid
Uma concepção — ou qualquer outro elemento psíquico¹ — que se ache agora *presente* em minha consciência pode tornar-se *ausente* no momento seguinte, e *novamente presente*, após um intervalo, imutada, e, como dizemos, de memória, não como resultado de uma nova percepção por nossos sentidos. É este fato que estamos acostumados a explicar pela suposição de que, durante o intervalo, a concepção esteve presente em nossa mente, embora *latente* na consciência. Sob que forma ela pode ter existido enquanto presente na mente e latente na consciência não temos meios de adivinhar.

Neste exato momento, podemos estar preparados para enfrentar a objeção filosófica de que a concepção latente não existiu como objeto de psicologia, mas como uma disposição física para a repetição do mesmo fenômeno psíquico, isto é, da dita concepção. Mas podemos replicar que isso é uma teoria que ultrapassa de muito o domínio da psicologia propriamente dita; que ela simplesmente incorre em petição de princípio ao asseverar que 'consciente' é um termo idêntico a 'psíquico', e que está positivamente errada ao negar à psicologia o direito de explicar seus fatos mais comuns, tais como a memória, por seus próprios meios.

Ora, permitam-nos chamar de 'consciente' a concepção que está presente em nossa consciência e da qual nos damos conta, e que este seja o único significado do termo 'consciente'. Quanto às concepções latentes, se temos qualquer razão para supor que elas existam na mente — como tínhamos,

¹ [Na versão inglesa de 1925, em todo o artigo, 'psíquico' foi alterado para 'mental'.]

no caso da memória — que elas sejam designadas pelo termo 'inconsciente'.

Assim, uma concepção inconsciente é uma concepção da qual não estamos cientes, mas cuja existência, não obstante, estamos prontos a admitir, devido a outras provas ou sinais.

Esta poderia ser considerada uma amostra desinteressante de trabalho descritivo ou classificatório se nenhuma outra experiência apelasse ao nosso julgamento senão os fatos da memória ou os casos de associação por vínculos inconscientes. Entretanto, o experimento bem conhecido da 'sugestão pós-hipnótica' ensina-nos a insistir na importância da distinção entre *consciente* e *inconsciente*, e parece aumentar o seu valor.

Neste experimento, tal como realizado por Bernheim, uma pessoa é colocada em estado hipnótico e subseqüentemente despertada. Enquanto se encontrava no estado hipnótico, sob a influência do médico, foi-lhe ordenado executar determinada ação num certo momento fixado após seu despertar, digamos meia hora mais tarde. Ela desperta e parece plenamente consciente e em seu estado normal; não tem lembrança do estado hipnótico e, contudo, no momento predeterminado, aparece-lhe na mente o impulso a fazer tal tipo de coisa, e ela o faz conscientemente, embora sem saber por quê. Parece impossível fornecer qualquer outra descrição do fenômeno a não ser dizer que a ordem esteve presente na mente da pessoa num estado de latência, ou que esteve presente inconscientemente, até que o momento determinado chegou, e então tornou-se consciente. Mas não foi sua totalidade que emergiu para a consciência: somente a concepção do ato a ser executado. Todas as outras idéias associadas a essa concepção — a ordem, a influência do médico, a recordação do estado hipnótico — permaneceram inconscientes mesmo então.

Mas temos mais a aprender deste experimento. Somos levados da visão puramente descritiva a uma visão *dinâmica* do fenômeno. A idéia da ação ordenada na hipnose não apenas tornou-se objeto de consciência em determinado momento, mas o aspecto mais notável do fato é que esta idéia tornou-se *ativa*; foi traduzida em ação, assim que a consciência tornou-se ciente de sua presença. Sendo a ordem do médico o estímulo real à ação, é difícil não admitir que a idéia da ordem do médico tornou-se ativa também. Entretanto, esta última

idéia não se revelou à consciência, como o fez seu resultado, a idéia da ação; permaneceu inconsciente e, assim, foi *ativa e inconsciente* ao mesmo tempo.

Uma sugestão pós-hipnótica é uma produção de laboratório, um fato artificial. Mas, se adotarmos a teoria dos fenômenos histéricos, primeiramente apresentada por P. Janet e elaborada por Breuer e eu mesmo, não nos faltarão muitos fatos naturais que mostram o caráter psicológico da sugestão pós-hipnótica ainda mais clara e distintamente.

A mente do paciente histérico acha-se cheia de idéias ativas, porém inconscientes; todos os seus sintomas procedem de tais idéias. É, na verdade, a característica mais marcante da mente histérica ser governada por elas. Se a mulher histérica vomita, pode fazê-lo devido à idéia de estar grávida. Entretanto, ela não tem conhecimento desta idéia, embora possa ser facilmente detectada em sua mente e tornada consciente mediante um dos processos técnicos da psicanálise. Se se acha executando os arrancos e movimentos que constituem seu 'ataque', ela nem mesmo conscientemente representa para si as ações pretendidas e pode perceber estas ações com os sentimentos desligados de um observador. Não obstante, a análise demonstrará que estava desempenhando seu papel na reprodução dramática de algum incidente de sua vida, cuja lembrança esteve inconscientemente ativa durante a crise. A mesma preponderância de idéias inconscientes ativas é revelada pela análise como sendo o fato essencial na psicologia de todas as outras formas de neurose.

Aprendemos, portanto, pela análise dos fenômenos neuróticos, que uma idéia latente ou inconsciente não é, necessariamente, uma idéia fraca, e que a presença dessa idéia na mente admite provas indiretas do tipo mais convincente, equivalentes à prova direta fornecida pela consciência. Sentimos justificados em fazer nossa classificação concordar com este acréscimo ao nosso conhecimento, introduzindo uma distinção fundamental entre diferentes tipos de idéias latentes ou inconscientes. Estávamos acostumados a pensar que toda idéia latente assim se tornou por ser fraca e que se transformou em consciente logo que se tornou forte. Adquirimos hoje a convicção de que há algumas idéias latentes que não penetram na consciência, por mais fortes que possam haver-se tornado.

Convidado
J. P. S.

Pc ≠ Ics

Assim, chamamos as idéias latentes do primeiro tipo de *pré-conscientes*,¹ enquanto reservamos o termo *inconsciente* (propriamente dito) para o último tipo que viemos a estudar nas neuroses. O termo *inconsciente*, que foi empregado antes no sentido puramente descritivo, vem agora a implicar algo mais. Designa não apenas as idéias latentes em geral, mas especialmente idéias com certo caráter dinâmico, idéias que se mantêm à parte da consciência, apesar de sua intensidade e atividade.

Antes de prosseguir com minha exposição, referir-me-ei a duas objeções que têm probabilidades de serem levantadas neste ponto. A primeira delas pode ser assim enunciada: ao invés de concordar com a hipótese de idéias inconscientes, das quais nada sabemos, é melhor presumir que a consciência pode ser dividida, de modo que certas idéias ou outros atos psíquicos possam constituir uma consciência separada, que se tornou desligada e separada da massa de atividade psíquica consciente. Casos patológicos famosos, como o do Dr. Azam, [A referência é ao caso de Félida X, notável exemplo de personalidade alternada ou dupla, provavelmente o primeiro deste tipo a ser investigado e registrado minuciosamente. O caso foi descrito em várias publicações por E. Azam, de Bordeaux. Seu primeiro relatório apareceu na *Revue Scientifique*, em 26 de maio de 1876, e foi seguido, algumas semanas depois, por um artigo nos *Annales médico-psychologiques*. (Ver Azam, 1876, e seu último livro, 1887.)] parecem contribuir muito para demonstrar que a divisão da consciência não constitui imaginação fantasista.

Aventure-me a alegar contra essa teoria que ela é uma suposição gratuita, baseada no mau uso da palavra 'consciente'. Não temos o direito de estender o significado desta palavra a ponto de fazê-la incluir uma consciência da qual seu próprio possuidor não se acha ciente. Se os filósofos encontram dificuldade em aceitar a existência de idéias inconscientes, a existência de uma consciência inconsciente parece-me

¹ [Na versão inglesa de 1925, em todo o artigo, '*foreconscious*' foi alterado para '*preconscious*', que, naturalmente, tornou-se a tradução normal do alemão '*vorbewusst*'.]

ainda mais objetável. Os casos descritos como divisão (*splitting*) da consciência, como o do Dr. Azam, poderiam de preferência ser denominados de deslocamento da consciência — essa função — ou o que quer que seja — que oscila entre dois complexos psíquicos diferentes que se tornam conscientes e inconscientes alternadamente.

A outra objeção que poderia ser levantada seria que aplicamos à psicologia normal conclusões que são tiradas principalmente do estudo de estados patológicos. Estamos capacitados a respondê-la por outro fato, cujo conhecimento devemos à psicanálise. De certas deficiências de função da mais freqüente ocorrência entre pessoas sadias, tais como, por exemplo, *lapsus linguae*, erros de memória e de fala, esquecimento de nomes etc., pode-se facilmente demonstrar que dependem da ação de fortes idéias inconscientes, da mesma maneira que os sintomas neuróticos. Apresentaremos outro argumento ainda mais convincente num estádio posterior deste estudo.

Pela diferenciação de idéias pré-conscientes e inconscientes, somos levados a abandonar o campo da classificação e a formar uma opinião sobre as relações funcionais e dinâmicas na ação psíquica. Encontramos uma *atividade pré-consciente* que passa para a consciência sem dificuldade e uma *atividade inconsciente* que assim permanece e parece achar-se isolada da consciência.

Ora, não sabemos se estes dois modos de atividade psíquica são idênticos ou essencialmente divergentes desde o início, mas podemos perguntar por que devem tornar-se diferentes no decorrer da ação psíquica. A esta última questão, a psicanálise fornece uma resposta clara e firme. Não é, de modo algum, impossível ao produto da atividade inconsciente penetrar na consciência, mas para esta tarefa é necessária uma certa quantidade de esforço. Quando tentamos realizá-la em nós próprios, damos-nos conta de uma sensação *distinta* de *repulsão*,¹ que tem de ser dominada, e, quando a produzimos num paciente, obtemos os mais indiscutíveis sinais do que cha-

repulsão

inibição

¹ [Na versão alemã, a palavra 'repulsão', aqui e mais adiante, é traduzida por '*Abwehr*', da qual a versão inglesa normal é 'defesa' ou 'desvio'.]

mamos de sua *resistência* a ela. Assim, aprendemos que a idéia inconsciente acha-se excluída da consciência por forças vivas que se opõem à sua recepção, embora não objetem a outras idéias, as pré-conscientes. A psicanálise não deixa campo para dúvida de que a repulsão das idéias inconscientes só é provocada pelas tendências incluídas na essência destas. A teoria mais provável que pode ser formulada, neste estágio de nosso conhecimento, é a seguinte. A inconsciência é uma fase regular e inevitável nos processos que constituem nossa atividade psíquica; todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode permanecer assim ou continuar a evoluir para a consciência, segundo encontra resistência ou não. A distinção entre atividade pré-consciente e inconsciente não é primária, mas vem a ser estabelecida após a repulsão ter surgido. Somente então a diferença entre idéias pré-conscientes, que podem aparecer na consciência e reaparecer a qualquer momento, e idéias inconscientes, que não podem fazê-lo, adquire um valor tanto teórico quanto prático. Uma analogia grosseira, mas não inadequada, a esta suposta relação da atividade consciente com a inconsciente poderia ser traçada com o campo da fotografia comum: a primeira etapa da fotografia é o 'negativo'; toda imagem fotográfica tem de passar pelo processo negativo e alguns desses negativos, que se saíram bem no exame, são admitidos ao 'processo positivo', que termina pelo retrato.

Mas a distinção entre atividade pré-consciente e inconsciente e o reconhecimento da barreira que as mantém apartadas não são o último ou o mais importante resultado da investigação psicanalítica da vida psíquica. Existe um produto psíquico encontrado nas pessoas mais normais que, contudo, apresenta analogia muito marcante com as mais violentas produções da insanidade e não foi mais inteligível aos filósofos que a própria insanidade. Refiro-me aos sonhos. A psicanálise se fundamenta na análise dos sonhos e a interpretação deles constitui a obra mais completa que a jovem ciência realizou até o presente. Um dos tipos mais comuns de formação onírica pode ser descrito como segue: uma seqüência de pensamentos foi despertada pelo funcionamento da mente durante o dia e reteve um pouco de sua atividade, fugindo à inibição geral de interesses que introduz o sono e constitui a preparação psíquica

ca para o dormir. Durante a noite, a seqüência de pensamentos consegue encontrar vinculações com uma das tendências inconscientes presentes desde a infância na mente do que sonha, mas ordinariamente *reprimida* e excluída de sua vida consciente. Com a força tomada de empréstimo a esta ajuda inconsciente, os pensamentos, resíduo do trabalho do dia,¹ tornam-se então ativos novamente e surgem na consciência sob a forma de sonho. Ora, três coisas aconteceram:

(1) Os pensamentos sofreram uma mudança, um disfarce e uma deformação, que representam a parte do ajudante inconsciente.

(2) Os pensamentos ocuparam a consciência numa ocasião em que não o deveriam.

(3) Uma parte do inconsciente, que doutra maneira não teria podido fazê-lo, surgiu na consciência.

Aprendemos a arte de descobrir os 'pensamentos residuais', os *pensamentos latentes do sonho*, e, comparando-os com o *sonho aparente*², pudemos formar opinião sobre as modificações que experimentaram e a maneira pela qual estas foram ocasionadas.

Os pensamentos latentes do sonho não diferem em nenhum aspecto dos produtos de nossa atividade consciente habitual; merecem o nome de pensamentos pré-conscientes e, em verdade, podem ter sido conscientes em algum momento do estado de vigília. Entretanto, por entrarem em contato com as tendências inconscientes durante a noite, assimilaram-se a estas, degradaram-se, por assim dizer, à condição de *pensamentos inconscientes*, e ficaram sujeitos as leis pelas quais a atividade inconsciente é dirigida. E aqui temos a oportunidade de aprender o que não poderíamos ter adivinhado pela especulação, ou por outra fonte de informação empírica — que as leis da atividade inconsciente diferem amplamente daquelas

¹ [Na versão inglesa de 1925, a palavra 'mental' foi inserida antes de 'trabalho'. Na tradução alemã, toda a expressão foi traduzida por 'Tagesreste', para a qual o equivalente inglês usual é 'day's residues' ['resíduos do dia' ou 'resíduos diurnos'.)]

² [Esta palavra foi alterada para 'manifesto' na versão inglesa de 1925.]

da consciente. Inferimos pormenorizadamente quais são as peculiaridades do *Inconsciente* e podemos esperar aprender ainda mais sobre elas mediante investigação mais profunda dos processos da formação onírica.

Essa investigação não se acha ainda nem na metade, e uma exposição dos resultados obtidos até agora é pouco possível sem entrar nos problemas mais intrincados da análise de sonhos. Não gostaria de interromper este exame, porém, sem indicar a mudança e o progresso em nossa compreensão do *Inconsciente* devidos ao estudo psicanalítico dos sonhos.

A inconsciência pareceu-nos, a princípio, apenas uma característica enigmática de um ato psíquico definido. Atualmente ela significa mais para nós. É sinal de que este ato partilha da natureza de determinada categoria psíquica, que conhecemos por outras características¹ mais importantes, e que ele pertence a um sistema de atividade psíquica merecedor de nossa plena atenção. O valor índice do inconsciente ultrapassou de muito sua importância como propriedade. O sistema assinalado pelo fato de seus atos isolados serem inconscientes é chamado 'O Inconsciente', por falta de termo melhor e menos ambíguo. Em alemão, proponho denotar esse sistema pelas letras *Ubw*, abreviatura da palavra '*Unbewusst*'.² E este é o terceiro e mais significativo sentido que o termo 'inconsciente' adquiriu na psicanálise.

Shuonstics
ou seja, um nome
adjetivo

existência

¹ [Alterado para 'aspectos', na versão inglesa de 1925.]

² [A abreviatura inglesa equivalente é, naturalmente, '*Ucs.*' ('*Ics.*', em português. — N. do T. brasileiro.)